

Brasília não quer saber de especulação

Uma cidade é feita para as pessoas e não para as empresas. Essa foi a reação da maioria das pessoas que deram suas opiniões sobre a existência de pressões para a modificação do plano urbanístico da cidade em benefício do reaquecimento da construção civil. A agressão ao plano físico de Brasília surge da alegação de que é necessário criar mais empregos, permitir novas projeções e dar início a uma nova fase de investimentos maciços no setor.

Alguns empresários da área da construção civil voltam a pressionar o governo local para abrir perigosas exceções no que a cidade tem de mais precioso: o seu espaço. Com essa movimentação ressurgem a ameaça do loteamento das áreas verdes, insinua-se o "inchaço" das superquadras com o acréscimo de novos prédios e imagina-se a liberação dos gabaritos das quadras para que surjam os "espigões". Tudo isso em nome de um crescente desemprego que seria causado pela desativação da construção civil. Arquiteta-se na surdina, a depredação da cidade.

CRISE

"A crise não pode servir de desculpa para se impingir à cidade danos irreparáveis". Essa é a opinião do arquiteto e fotógrafo Luiz Humberto, acrescentando que "a cidade precisa ter voz ativa, a comunidade precisa ter um envolvimento mais sério e se comprometer amorosamente com a cidade". Para ele, a revisão do plano urbanístico nunca é feito no interesse da comunidade. "Já que a área de decisão está sempre de passagem".

O arquiteto Luiz Humberto destaca ainda a falta de instrumentos para a cidade se defender dessas investidas, citando o exemplo da ausência de uma representação política. Sobre a necessidade de se reaquecer a indústria da construção civil como saída para o buraco em que está metida, Luiz Humberto descarta solução lembrando que "se problemas existem, a solução deles não são coincidentes com a proposta desses empresários".

Para o empresário e presidente da Federação do Comércio de Brasília, Newton Rossi, a curto prazo há necessidade de se reativar a indústria da construção civil, embora considere que a sua simples reativação não corresponde como solução para os problemas do setor e do desemprego.

Apesar da crise, o presidente da Federação do Comércio prevê que o setor construção civil "tende a se estabilizar num futuro próximo". Para ele, a liberação das projeções pertencentes à Universidade de Brasília, na Asa Norte, já daria um alento à construção civil. "É um absurdo aquela área toda em mãos da UnB", afirmou.

Como saída para o problema do desemprego, Newton Rossi é favorável a um incentivo do processo de industrialização, "indústrias não poluentes", conforme ressaltou, como "carro-chefe" a criação de um pólo de informática.

ESPECULAÇÃO

Na opinião do economista Dercio Munhoz, o problema todo se resume numa palavra: especulação. "O problema está na capacidade de compra da população". Ele cita como exemplo o setor Octogonal "que até hoje está encalhado" e acrescenta: "Não estão querendo ativar o setor, estão querendo ativar a especulação".

Para Dercio Munhoz, a construção civil representa pouco. "Ela encontra-se num nível baixo de atividade, causado pelo desaquecimento do setor, pela redução dos investimentos governamentais e pela redução dos salários reais".

— Esse não é um problema de Brasília. É um problema a nível nacional. Em Brasília a crise econômica é menos acentuada do que nas demais regiões do país.